

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Experiências de socialização de jovens atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão (Mariana, Minas Gerais, Brasil)

Elodia Honse Lebourg, Rosa Maria da Exaltação Coutrim

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11538>

Submetido em: 2025-03-20

Postado em: 2025-04-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Juliana Batista dos Reis (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6477-5388>)

Experiências de socialização de jovens atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão (Mariana, Minas Gerais, Brasil)

Elodia Honse Lebourg¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8521-0389>
ehlebourg@yahoo.com.br

Rosa Maria da Exaltação Coutrim²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9510-1263>
rosacoutrim@ufop.edu.br

¹ Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

² Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

Resumo

No dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da Barragem de Fundão, operada pela Samarco Mineração e por suas controladoras, Vale e BHP, em Mariana-MG, representou o início de um desastre sem precedentes na história brasileira. Neste artigo, analisamos como foram afetados os processos de socialização de jovens dos subdistritos de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Camargos matriculados no Ensino Médio em escolas de Mariana-MG e Ouro Preto-MG. Teoricamente, o estudo se referenciou na Sociologia da Educação, na Sociologia das Juventudes e na Sociologia dos Desastres. A pesquisa foi realizada por meio de análise bibliográfica, documental e trabalho de campo, a partir de 12 entrevistas interpretadas com perfis de configuração. Constatou-se que os laços de amizade que os entrevistados mantinham nos territórios de origem foram fragilizados. Após a chegada à juventude e o ingresso no Ensino Médio, criaram novos vínculos, acessaram mais as redes sociais digitais, começaram a projetar seus futuros e suas famílias continuaram sendo uma base importante. A pandemia de COVID-19 desorganizou seus laços de sociabilidade, aumentou as interações digitais e piorou sua condição mental. Eles tiveram de conviver com preconceito e estigmatização. Para se preservarem, muitos se isolavam e não contavam que eram pessoas atingidas. Os resultados da pesquisa demonstraram que as experiências socializadoras desses jovens estavam ocorrendo em um contexto complexo e traumático que impactava negativamente suas formas de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: Juventudes; Socialização; Ensino Médio; Desterritorialização; Rompimento da Barragem de Fundão

Socialization experiences of young people affected by the Fundão Dam collapse (Mariana, Minas Gerais, Brazil)

Abstract

On November 5, 2015, the collapse of the Fundão Dam, operated by Samarco Mineração and its controlling companies, Vale and BHP, in Mariana, Minas Gerais, marked the beginning of a disaster that is unprecedented in Brazilian history. In this article, we analyze how the socialization processes of young people from the subdistricts of Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo and Camargos who were enrolled in high school in Mariana-MG and Ouro Preto-MG, were affected. Theoretically, the study was based on the Sociology of Education, the Sociology

of Youth and the Sociology of Disasters. The research was conducted through bibliographic and documentary analysis and fieldwork, based on 12 interviews interpreted with configuration profiles. It was found that the bonds of friendship that the interviewees maintained in their home territories were weakened. After reaching youth and entering high school, they created new bonds, accessed digital social networks more, began to plan their futures and their families continued to be an important base. The COVID-19 pandemic disrupted their social ties, increased digital interactions and worsened their mental health. They had to deal with prejudice and stigmatization. To protect themselves, many isolated themselves and did not tell anyone that they were affected. The results of the research demonstrated that the socializing experiences of these young people were occurring in a complex and traumatic context that negatively impacted their ways of being and existing in the world.

Keywords: Youth; Socialization; Highschool; Deterritorialization; Collapse of Fundão Dam

Experiencias de socialización de jóvenes afectados por el colapso de la represa de Fundão (Mariana, Minas Gerais, Brasil)

Resumen

El 5 de noviembre de 2015, el colapso de la Presa de Fundão, operada por Samarco Mineração y sus controladoras, Vale y BHP, en Mariana-MG, representó el comienzo de un desastre sin precedentes en la historia brasileña. En este artículo, analizamos cómo se vieron afectados los procesos de socialización de jóvenes de los subdistritos de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo y Camargos, matriculados en la enseñanza media en escuelas de Mariana-MG y Ouro Preto-MG. Teóricamente, el estudio se basó en la Sociología de la Educación, la Sociología de la Juventud y la Sociología de los Desastres. La investigación se realizó a través de análisis bibliográfico, documental y trabajo de campo, a partir de 12 entrevistas interpretadas con perfiles de configuración. Se encontró que los vínculos de amistad que los entrevistados mantenían en sus territorios de origen se debilitaron. Luego de llegar a la juventud e ingresar a la secundaria, crearon nuevos vínculos, accedieron a más redes sociales digitales, comenzaron a planificar su futuro y sus familias siguieron siendo una base importante. La pandemia de COVID-19 alteró sus vínculos sociales, aumentó las interacciones digitales y empeoró su condición mental. Tuvieron que vivir con prejuicios y estigmatización. Para protegerse, muchos se aislaron y no sabían que estaban afectados. Los resultados de la investigación demostraron que las experiencias socializadoras de estos jóvenes ocurrían en un contexto complejo y traumático que impactaba negativamente en sus formas de ser y existir en el mundo.

Palabras clave: Juventudes; Socialización; Escuela Secundaria; Desterritorialización; Colapso de la Presa de Fundão

Introdução

Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Camargos são subdistritos de Mariana-MG que tiveram seus territórios atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão, gigantesca estrutura de contenção de rejeitos de minério de ferro de propriedade da Samarco Mineração, controlada pela Vale e pela BHP. Além de destruir total ou parcialmente essas comunidades, o desastre matou diretamente 19 pessoas, provocou um abortamento e causou o deslocamento

compulsório de mais de 1.000 famílias somente em Mariana-MG. Também afetou milhares de pessoas em 45 cidades em Minas Gerais e no Espírito Santo e despejou milhões de metros cúbicos de rejeitos no meio ambiente. Quase 10 anos depois, os prejuízos na fauna, na flora, no patrimônio e nas vidas das pessoas atingidas sobreviventes continuam incalculáveis (Cáritas, 2022).

Na tese de doutorado em Educação que originou este artigo, enfocamos a população juvenil desses três subdistritos atingida pelo desastre de Fundão (Lebourg, 2024). Compreendemos que, anos depois do evento crítico, as crianças atingidas chegaram à juventude, ao Ensino Médio e estavam enfrentando, além dos desafios dessa fase da vida, as dificuldades provocadas pela perda do território e pelo processo de reterritorialização em um espaço social diferenciado. Novos marcos socializadores passaram a atuar sobre esses indivíduos, agora jovens, e a afetar suas formas de ser e estar no mundo, como o afastamento do grupo de amigos dos subdistritos; a criação de novas redes de sociabilidade; a adaptação às escolas de Ensino Médio, maiores e com mais estudantes; as primeiras experiências profissionais e amorosas; e as novas perspectivas sobre a vida adulta. Esses jovens precisaram lidar, ainda, com dois importantes desafios: o enfrentamento do preconceito manifestado por uma parcela dos moradores de Mariana-MG; e, entre 2020 e 2021, a pandemia de COVID-19, que impôs a eles (e à população mundial) uma rotina com restrições e novos riscos.

Fundamentado teoricamente na Sociologia das Juventudes, na Sociologia da Educação e na Sociologia dos Desastres, este foi um estudo de natureza qualitativa sobre socialização de jovens em situação de perda de território, um fenômeno sociológico recorrente no Brasil e no exterior, como no caso dos grupos afetados por desastres, guerras, conflitos e pela ação de grandes empreendimentos industriais. A pesquisa compreendeu análise bibliográfica, documental e trabalho empírico, por meio da realização de entrevistas reflexivas com jovens de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Camargos, baseadas em roteiros organizados a partir das categorias de análise.

A realização do estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob o Parecer n.º 5.328.066, e 12 jovens foram entrevistados entre 2022 e 2023. Para a análise dos dados, buscamos características comuns em suas respostas que viabilizaram o estabelecimento de perfis de configuração, técnica baseada na contribuição de Bernard Lahire (1997), que propôs uma sociologia à escala individual ao manter os entrevistados no centro da investigação. Com essa modalidade de análise, não negligenciamos as singularidades de nossos interlocutores e examinamos os dados gerados a partir de uma orientação interpretativa definida, que considerou a complexidade desses casos.

Para a seleção dos participantes, consideramos aqueles que se declaravam atingidos pelo desastre, que tinham estudado nas escolas das comunidades de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo, e que estavam cursando o Ensino Médio em Mariana-MG ou Ouro Preto-MG. Os jovens entrevistados receberam nomes fictícios escolhidos por eles: Jade, Rafaela, Mikasa, Anne, Isla, Teresa, Maria Júlia e Anna Laura, de Bento Rodrigues; Álex e Hulk, de Paracatu de Baixo; Gabriela e Paulinho, de Camargos. Eram nove moças, uma jovem não binária (Álex) e dois rapazes. Eles tinham entre 14 e 17 anos e apenas duas moças contavam com a presença paterna nos domicílios, quatro não conviviam com um dos genitores e três foram criados por avós. Seus familiares ascendentes não chegaram ao Ensino Superior, à exceção do pai de Isla, e vários trabalhavam em atividades subalternizadas relacionadas à mineração em Mariana-MG.

Seus perfis foram organizados em torno de quatro categorias de análise: reconstrução dos laços de sociabilidade após o desastre; ingresso no Ensino Médio e reorganização dos vínculos sociais; laços de sociabilidade no contexto da pandemia de COVID-19; e enfrentamento de situações de preconceito e sofrimento após o desastre. Este artigo foi estruturado em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira e na segunda, apresentamos o aparato teórico que embasou nossa compreensão das noções de socialização juvenil e de desastre. Na terceira, estão as análises dos principais dados gerados durante o trabalho de campo.

1 Socialização juvenil, formas de ser e estar no mundo

Reconhecemos que não existe um jovem igual ao outro, nem uma cultura juvenil homogênea. Ainda que seja improvável chegar a uma definição de juventude capaz de abranger a complexidade da condição, das diversidades e das identidades, isso não impede que a teoria qualifique a categoria com base em suas múltiplas dimensões, além dos aspectos biológicos e etários (Bourdieu, 2019). A reflexão sobre socialização juvenil necessita, dessa forma, associar o exame das características individuais aos contextos sociais e históricos em busca de uma compreensão do que é ser jovem.

Como categoria sociológica, a juventude é uma construção social, histórica e cultural em constante disputa. Para compreender os sentidos produzidos pelos jovens, é necessário analisar as interações sociais que estabelecem nos seus diversos contextos, por meio dos seus processos de socialização. Os jovens não estão apenas atravessando um momento entre a infância e a vida adulta. Eles são indivíduos que experimentam uma nova inserção social, com outras formas de expressão cultural, maior autonomia individual, com socializações mais

dinâmicas nos ambientes familiares, escolares e em outros espaços, e com direitos específicos (Weiss, 2012; Corrochano; Abramo; Abramo, 2017).

Por meio de suas relações sociais, eles vão se orientando pelo mundo, se constituindo como indivíduos, formando suas subjetividades e produzindo valores identitários e morais. Seus processos de socialização são influenciados por suas famílias e escolas (Coutrim; Carvalho; Almeida, 2012) e, na contemporaneidade, são afetados por outros grupos sociais, a partir de diversas interações sociais, que contribuem para reduzir parte das consequências negativas advindas das limitações da realidade social de muitos deles (Weiss, 2012; Sposito; Tarábola, 2017), como no caso dos atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão ou que lidam com a perda de seus territórios por outros motivos.

A partir de seus processos de individuação, a forma como identificam seu lugar na sociedade resulta da associação de diversos marcos socializadores. Dessa maneira, os jovens (mas não somente eles) vivem em um contínuo processo de identificação e estranhamento. Na juventude, a socialização funciona, então, como um mecanismo de aquisição de conhecimento e informação que influencia sua constituição identitária e se reflete na adoção de novos estilos, práticas culturais e na definição de projetos de futuro (Dayrell, 2007; Weiss, 2012).

Depois da chegada à juventude, costuma ocorrer uma ampliação do círculo de amigos, formado por amigos, colegas de escola, vizinhos, namorados e outros indivíduos que frequentam espaços em comum. As famílias podem deixar de ocupar um papel central e, nas escolas, esses jovens vão vivendo experiências sociais plurais capazes de configurar e reconfigurar suas trajetórias individuais, ainda que essas instituições nem sempre sejam atrativas e apelem à normatividade (Sposito; Tarábola, 2017; Reis, 2019).

Espaços de encontro e da vida juvenil, além de última etapa da educação obrigatória, as escolas de Ensino Médio são frequentadas pelos jovens por diferentes motivos. Eles buscam adquirir competências pessoais e acadêmicas, obter um diploma que pode auxiliar a conseguir trabalho ou a ingressar no Ensino Superior, e/ou a possibilidade de terem contato regular com grupos de amigos (Weiss, 2012; Senkevics; Carvalho, 2020). Na atualidade, o Ensino Médio continua lidando com realidades juvenis que se diferenciam em função de suas condições de existência e perspectivas de futuro (Senkevics; Carvalho, 2020; Lebourg; Coutrim; Silva, 2021). Quando jovens do interior e do campo precisam se deslocar dos territórios de origem para estudar, isso pode afetar sua constituição identitária e seus processos de socialização. Ao ingressarem nas novas escolas para concluírem a escolarização básica, vários lidam com os desafios impostos pela nova cultura escolar, que costuma desconsiderar suas comunidades de origem (Lebourg; Coutrim, 2018).

As juventudes são produtoras de culturas, manifestadas pela identificação com grupos sociais com interesses, percepções e práticas simbólicas convergentes. Pertencentes a um determinado contexto histórico-cultural, os jovens recebem influência de múltiplas instâncias, de fatores de natureza socioeconômica, das instituições sociais tradicionais, como famílias e escolas, e do mundo em globalização, que fortalecem os processos de individuação e a lógica de coletividade (Perondi, 2021).

A participação em grupos facilita a inserção social. Nessa fase, as transformações corporais, identitárias e afetivas são potentes, e estar envolvido em grupos de pares facilita o desenvolvimento de subjetividades positivas. Ao se organizarem em torno de atividades culturais coletivas e de lazer, os jovens vão assegurando seu direito à juventude (Perondi, 2021), mesmo que suas dinâmicas e seus usos do tempo social ainda sejam percebidos, por muitos, sob uma ótica negativa e homogênea. Por meio da produção e da fruição cultural, os jovens (mas não só eles) buscam formas de se expressar, se excitar e se realizar individualmente.

Por sua vez, as mídias permitem o estabelecimento de relações sociais, a legitimação dos grupos de pares, exercem forte influência nas capacidades socializadoras e potencializam as identidades dos seus usuários. Especialmente nas últimas décadas, os jovens passaram a produzir cultura por meio de interações digitais que legitimaram o ciberespaço como uma dimensão socializadora e de individualização. As redes sociais digitais têm ampliado a espacialidade das relações sociais e assumido uma dimensão sociocultural bastante representativa, como uma estratégia de expressar imagens reais ou idealizadas dos usuários. Especialmente para a população juvenil, são ambientes de encontro, comunicação, ludicidade, sociabilidade, pertencimento e aprendizagem (Weiss, 2012; Carrano, 2017).

Os processos de socialização que colaboram com as constituições identitárias também recebem influência das comunidades onde vivem, dos espaços frequentados e das relações estabelecidas neles. Por isso, na próxima seção, discutiremos a noção de desastre e suas principais consequências para as populações atingidas, sobretudo aquelas que passam a viver em uma situação de perda de território. Também analisaremos como o rompimento da Barragem de Fundão afetou a população atingida e, especialmente, os mais jovens.

2 Desastres e as sucessivas violações de direitos das populações atingidas

Destruição do território, perda de vidas humanas e não humanas, dos locais de moradia, traumas, insatisfação em relação aos processos de reparação e inexistência de reparação e justiça são aspectos recorrentes nas histórias das populações atingidas por desastres. Diante

disso, esses grupos passam a lidar com a “difícil tarefa de decodificação do mundo em desordem” (Valencio, 2009, p. 192).

O tempo de um desastre não se limita ao evento crítico, à situação de emergência. Com ele, começa um quadro coletivo trágico que costuma, no Brasil e em outras partes do mundo, se arrastar por anos. As comunidades atingidas perdem bens materiais e simbólicos, suas relações sociais e familiares são fragilizadas ou interrompidas, e não há garantias de que a vida voltará à normalidade (Valencio, 2009). Inicia-se um processo de estresse coletivo e individual, incertezas, desamparo, desorganização das rotinas, das condições de sobrevivência, de marginalização, pauperização e de sofrimento. Muitos enfrentam situações que envolvem revitimização, opressão e preconceito, em que, frequentemente, são identificados como aproveitadores e indolentes (Valencio, 2009; Zhouri, 2019).

Processo involuntário e violento, a desterritorialização se relaciona à vulnerabilização, à crise social e a problemas de desenvolvimento diante da dissolução das comunidades atingidas, de indenizações insuficientes e da reparação nem sempre contemplar as perdas simbólicas, o que compõe um quadro de sucessivas violações dos direitos humanos (Barbosa; Giongo; Mendes, 2018). Estudos sobre comunidades atingidas por desastres e pela construção de empreendimentos hidrelétricos têm evidenciado a complexidade das consequências sociais, porque, além do adoecimento físico, costuma haver aumento dos casos de suicídio, alcoolismo e abuso de outras drogas (Barbosa; Giongo; Mendes, 2018).

Nas áreas de mineração, como nos casos dos rompimentos de barragens em Mariana-MG e em Brumadinho-MG, desastres podem ser compreendidos como processos construídos socialmente. A recorrência se explica pela manutenção de padrões institucionais baseados em escolhas de ordem financeira e tecnológica, no poder político e econômico das empresas e em falhas na fiscalização das barragens (Zhouri, 2019). Geralmente, as comunidades próximas a esses empreendimentos, impactadas independentemente de haver um evento crítico, são vulnerabilizadas social e economicamente. Tratam-se de grupos tradicionais, camponeses, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, entre outros, que nem sempre são reconhecidos como atingidos, tampouco têm o direito de manifestar sua opinião a respeito da implantação dessas atividades (Zhouri, 2019) e vivem uma relação de vizinhança assimétrica (Valencio, 2019).

Na gestão pública das crises provocadas por desastres, são adotadas medidas padronizadas, que desconsideram as individualidades e subjetividades das pessoas atingidas, com perda de agência individual, familiar e coletiva (Valencio, 2009; Oliveira, 2021). Discursos que associam desastres a fatalidades ou a acidentes são recorrentes e nem sempre questionados por parte da população, especialmente aquela dependente de trabalho na área e que passa a

defender a lógica de que as comunidades atingidas têm parcela da culpa por ocuparem espaços que prejudicariam o desenvolvimento econômico local (Valencio, 2009; 2019).

Diante da ausência de apoio institucional efetivo, esses grupos contam com redes de suporte formais e informais, compostas por familiares, serviços de saúde, grupos religiosos, universidades, organizações não governamentais, movimentos sociais e, também, por outras pessoas atingidas, por meio da defesa de uma lógica de resiliência. Essas populações enfrentam uma situação de desamparo sistêmica, em que a atuação estatal não se compromete, de fato, com a reparação justa e integral (Valencio, 2019).

Em nome do capital e de uma noção enviesada de desenvolvimento econômico, as populações atingidas por desastres nem sempre conseguem evitar seu destino. No caso de Mariana-MG, o desastre provocado pelo rompimento da Barragem de Fundão resultou em consequências sociais e ambientais de diversas ordens. Assim como demonstrado em outros estudos sobre desastres, um quadro de sofrimento social e de estresse individual e coletivo logo se instalou. As empresas construíram uma narrativa para legitimar seus próprios interesses e continuar garantindo uma tomada de decisões favoráveis a elas. O poder público manteve uma atuação negligente e alinhada aos interesses das empresas, o que agravou a revitimização, por meio de novas violações dos direitos humanos, comprometeu os processos de reparação e fortaleceu a minério-dependência (César; Carneiro, 2017; Valencio, 2019).

O rompimento da Barragem de Fundão resultou em perdas materiais graves e imediatas, em mortes e danos à saúde das populações atingidas. Os territórios de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo foram destruídos, assim como muitos laços sociais, simbólicos e culturais. Suas estratégias de manutenção da vida, por meio do trabalho, também foram prejudicadas e as populações atingidas começaram a enfrentar preconceito e estigmatização, diante da paralisação das atividades da mineradora Samarco, que provocou perda de empregos, diminuição da arrecadação municipal e levou ao fortalecimento da noção de que eram os responsáveis pelo prejuízo coletivo. Esse contexto gerou intenso sofrimento social e as populações atingidas tiveram de se submeter a um complexo e compulsório processo de reorganização social, em um território maior e com padrões de vida diferentes (Santos, 2018).

A população infanto-juvenil, por sua vez, ainda é pouco enfocada em estudos sobre desastres (Santos, 2018). No caso de Mariana-MG, desde 2015, esses indivíduos vêm sofrendo as consequências do desastre de forma bastante particular. Devido às suas idades, vários não se recordam dos territórios de origem e outros passaram mais da metade da vida em contextos de provisoriedade. Para os jovens, os traumas, o preconceito, a perda dos laços sociais, a

dificuldade de fazerem novas amizades e a adaptação ao novo território agravaram a chegada à juventude (Santos, 2018; Oliveira, 2021; Lebourg, 2024).

No contexto do rompimento da Barragem de Fundão, a duração do desastre, cujas consequências e violações se arrastam há quase uma década, tem fragilizado os modos como os jovens experimentam essa fase da vida. Eles precisaram se reorganizar socialmente no novo território, enfrentaram sofrimento e vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, estavam descobrindo o novo, em um espaço diferente e com a criação de outros laços de afeto, como apresentaremos a seguir.

3 Impactos do rompimento da Barragem de Fundão na socialização dos jovens atingidos

Em Mariana-MG, a destruição de territórios pelo rompimento da Barragem de Fundão fraturou os padrões sociais das comunidades de origem. As construções identitárias das crianças e dos jovens atingidos passaram a ser configuradas a partir de suas características pessoais relacionadas às experiências vivenciadas em suas novas relações sociais, fortemente marcadas pelas consequências do desastre e com poucas referências a seguir (Oliveira, 2021; Santos, 2018).

O trabalho de campo confirmou que, até 2015, as dinâmicas socializadoras dos interlocutores da pesquisa se centralizavam nos subdistritos de origem, Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Camargos. Observamos que a maioria enfrentou desafios relacionados à manutenção das amizades. Quando tiveram de se mudar para bairros diversos da sede ou para outras localidades de Mariana-MG, passaram a ver os amigos somente nas escolas ou em confraternizações. Eles tiveram dificuldades para fazer novas amizades, em um quadro de degradação dos vínculos sociais (César; Carneiro, 2017). Tinham saudades das comunidades, onde se sentiam seguros e podiam brincar nos quintais, nas ruas e em meio à natureza, com uma sociabilidade mais pública, típica do interior e que compreendia, basicamente, o convívio com familiares e vizinhos. Maria Júlia, por exemplo, falou sobre sua relação com os amigos de Bento Rodrigues: “a gente andava o Bento todo, rodava o Bento todo, o dia inteiro. Eu não parava em casa, só chegava de noite, pra dormir”. Hulk tinha um grupo de amigos em Paracatu de Baixo e, assim como outros jovens entrevistados, sempre se encontravam nas ruas: “a gente brincava muito, mas, depois do rompimento da barragem, deu uma separada e cada um foi pro seu canto, é bem difícil a gente se ver hoje em dia”.

Após o desastre, todos tiveram de passar por uma “adaptação na marra”, conforme as palavras de Jade, e suas experiências socializadoras foram carregadas de conflitos. Apesar dos

vínculos fortes que mantinham nas comunidades de origem, a reterritorialização fragilizou esses laços e um processo de isolamento social começou a operar sobre eles. Na prática, esse comportamento, recorrente entre pessoas atingidas por desastres (César; Carneiro, 2017; Santos, 2018), se manifestou ao evitarem sair de casa, deixarem de brincar nas ruas e quando tiveram dificuldade de fazer novas amizades, o que foi agravado pelo fato de seus familiares não permitirem que brincassem fora de casa, como no caso da mãe de Hulk, que temia que ele fosse sequestrado, uma vez que, segundo o jovem, na cidade, operava uma lógica de que, com as indenizações recebidas após o desastre¹, as pessoas atingidas teriam enriquecido: “vai lá saber o que os outros vão fazer com a gente”. A mãe de Anne também não a deixava brincar na rua: “tive que aprender a ficar mais dentro de casa”.

Estudos sobre populações atingidas por barragens e outros desastres evidenciaram esse tipo de fragilização dos laços de sociabilidade comunitários decorrente da perda de espaços sociais comuns (César; Carneiro, 2017; Santos, 2018), no entanto, relatos de crises e conflitos entre crianças e jovens não foram suficientemente discutidos. Para os jovens entrevistados, conflitos com os pares foram um fenômeno comum e intensificaram o sofrimento enfrentado. Quando contaram sobre as rupturas, falaram em brigas, mágoa e decepção. Gabriela passou a acreditar que os amigos de Bento Rodrigues eram “umas cobras” e Jade se sentia excluída pelas amigas de infância: “sempre era a que sobrava”.

O que a literatura sobre o campo de estudos ainda não havia revelado foi que vários laços de sociabilidade construídos nas comunidades de origem parecem ter se rompido em meio a conflitos que acentuaram seu sofrimento e/ou forçaram uma reação de indiferença. A esse respeito, Rafaela, que havia se afastado das amigas de Bento Rodrigues e se aproximado de jovens que frequentavam sua igreja evangélica, refletiu: “acho que essas pessoas que eu conheci agora me fazem mais bem do que as que antes eram as minhas amigas e agora são pessoas totalmente diferentes”. Quando perguntada se sentia falta dos amigos de Paracatu de Baixo, Álex foi categórica: “nem um pouco”. Inferimos que os desgastes e traumas decorrentes do desastre tenham colaborado para que estivessem mais sensíveis aos desafios da manutenção das amizades nos novos contextos.

O ingresso em escolas do Ensino Médio representou um novo marco de influência social diante de um espaço diferenciado de experimentação da vida (Weiss, 2012), e de configuração e reconfiguração das trajetórias individuais (Reis, 2019). Isso trouxe desafios, com a mudança para escolas maiores e novos colegas e professores, e também diante do simbolismo da etapa,

¹ Com a Ação Civil Pública, houve um “adiantamento” de indenização para as pessoas atingidas que sofreram deslocamento compulsório.

em que os interesses tendem a se voltar para a conclusão da escolarização básica. A maioria conseguiu, ainda que timidamente e não sem conflitos, fazer amizades nas novas escolas, o que evidencia a força das experiências escolares coletivas (Reis, 2019). Anne, que cursava o Ensino Médio integrado em uma escola federal, construiu amizades que melhoraram sua rotina: “acho que, se não fosse elas, eu não tava aqui mais não. Nossa Senhora, é muita coisa pra lidar sozinha. Querendo ou não, quando você tem pessoas fazendo o mesmo curso, na mesma sala, a gente meio que tem um peso pra dividir, então é mais tranquilo”. Por outro lado, Anna Laura, que estudava em uma escola estadual e se sentiu hostilizada pelos colegas por ser uma jovem atingida de Bento Rodrigues, se isolou: “virei outra pessoa, eu não falo um ‘a’, porque é muita gente que nem conheço, aí fico bem mais na minha e não falo nada. [...] Eu não quis amizade mesmo, com ninguém”.

Como a posição social dos jovens é um fator fundamental de determinação ou facilitação dos percursos escolares, o Ensino Médio exercia papéis diferentes em suas vidas, também em função de seu contexto como pessoas atingidas. Eles passaram por transformações comportamentais e identitárias, e exploraram novas formas de interação e de práticas sociais, processos comuns nessa fase da vida (Reis, 2019; Perondi, 2021). Mikasa, por exemplo, teve dificuldades de fazer novas amizades, não se identificava com a nova escola e criticou a qualidade do ensino. Nesse período, a partir de conversas com colegas de turma, oportunidades para o desenvolvimento das identidades, subjetividades e experiências sociais (Weiss, 2012), a jovem tentou criar, de acordo com suas palavras, uma “nova personalidade” para se encaixar melhor e ser “o oposto do que era antes”, mas não estava conseguindo. Entre os jovens entrevistados, Álex parece ter sido a que mais experimentou mudanças nessa fase. Ela contou que “tudo mudou” quando conheceu o novo grupo de amigos: “é um bando de gente esquisita! Adoro eles, meu Deus do céu! É um mais esquisito que o outro! Eu me encaixo ali, porque eu também sou esquisita demais, aí a gente se encaixa aqui, cada um é estranho de uma forma e eles acolhem, sabe? Eu me senti acolhida por eles”.

Com exceção de Isla, que tinha metas estudantis bastante estabelecidas, o desempenho escolar dos jovens entrevistados caiu no Ensino Médio. Importante ponderar que, imediatamente após o desastre e ainda na infância, os participantes da pesquisa disseram que mantiveram boas notas. Na última etapa da escolarização básica, vários revelaram se interessar menos pelas aulas e deixaram de se perceber como bons estudantes, como no caso de Gabriela que, em suas palavras, por “falta de vergonha na cara”, só estudava direito a partir do 2º bimestre. Ao mesmo tempo, nenhum deles abandonou a escola, porque compreendiam a importância de concluir a escolarização básica, um pré-requisito para o ingresso no Ensino

Superior ou para conseguirem trabalhos melhores (Senkevics; Carvalho, 2020; Lebourg; Coutrim; Silva, 2021).

As experiências juvenis também são, na contemporaneidade, impactadas pelos usos das tecnologias digitais, ambientes de interação, intervenção e materialização de desejos (Carrano, 2017). Em nosso campo, os jovens tinham smartphones, acessavam mais a internet e redes sociais digitais, como Instagram, TikTok e WhatsApp, em uma expansão das experiências socializadoras. Publicavam pouco ou nenhum conteúdo, mas seguiam pessoas conhecidas e outras que não pertenciam ao seu círculo de amizades, como influenciadores e artistas, prática comum a diversos grupos juvenis. Estudavam pelo YouTube ou pelo Google, jogavam online e assistiam a séries em plataformas de streaming. Paulinho revelou que usava sites de busca para pesquisar as respostas das atividades escolares, em uma facilitação da rotina de estudos. No outro extremo, Isla acessava a internet para participar de projetos educacionais nacionais e internacionais, seguir blogs de divulgação científica e se aproximar de pessoas com interesses escolares, acadêmicos e profissionais comuns: “eu acho que, hoje em dia, as redes sociais são um meio muito grande pra você conectar jovens em questão de luta social e também para você fazer amizade”.

Algumas dessas trocas eram marcadas por intensa afetividade e produção de novas sociabilidades, como aconteceu com Mikasa, que namorou pela internet um rapaz que não conheceu pessoalmente, e Álex, que usava o telefone o tempo todo: “twitto até quando respiro”. É simbólico que os nomes fictícios de Jade, Paulinho, Anne, Mikasa e Teresa tenham sido inspirados em personagens de séries, animes ou em humoristas com influência nesses meios.

Reconhecemos que, fora das escolas, as juventudes têm ocupado diferentes espaços culturais e sociais relacionados aos seus gostos e possibilidades. Nessa fase, eles adquirem mais autonomia e experimentam novas inserções sociais (Corrochano; Abramo; Abramo, 2017). Apesar disso e dos conflitos entre eles, havia aspectos em comum em suas dinâmicas sociais, porque os jovens eram mais caseiros, tímidos, e suas relações familiares continuavam exercendo forte referência em suas rotinas e sociabilidades. Exemplificamos com Maria Júlia, que disse que não era “muito fã” de sair e preferia ficar em casa, e com Isla, que saía pouco, mas acompanhada dos primos. A exceção era Álex, que saía frequentemente à noite e promovia festas em sua casa: “conheço mais da metade de Mariana”.

As relações que os jovens constroem com o mundo do trabalho são um traço fundamental de suas experiências (Corrochano; Abramo; Abramo, 2017). No contexto desta pesquisa, os interlocutores estavam avançando na escolarização, e seus projetos de futuro se relacionavam à formação acadêmica, exceto em Paulinho e Hulk. As moças e a jovem não

binária desejavam fazer faculdade. Algumas estavam divididas entre graduações com prestígio social, como Medicina e Direito, e cursos relacionados a conteúdos midiáticos: Álex queria ser médica ou perita criminal; Teresa pensava em ser médica veterinária, psicóloga ou detetive; Anna Laura considerava ser arquiteta ou modelo. Essa alternância entre realidade e fantasia sugere que muitas não tinham uma compreensão objetiva a respeito da formação profissional a partir do Ensino Superior (Lebourg; Coutrim; Silva, 2021).

Nenhum dos jovens manifestou interesse em trabalhar em mineradoras. Apesar disso, Anne fazia o Ensino Médio integrado a um curso técnico ligado à área, e Jade e Gabriela frequentavam cursos profissionalizantes voltados à capacitação de mão de obra para a mineração. Os pais de Mikasa, Anne e Jade, e a mãe de Gabriela estavam trabalhando, ou já haviam trabalhado, em posições subalternizadas nessas empresas. Isso evidencia como esses grupos ainda estavam sujeitos às relações de trabalho impostas por essas companhias.

“Eu pensei que nós iríamos morrer. Entrei em desespero quando soube que não poderia sair de casa. [...] Na época, eu tinha um tablet, tinha Instagram, mandei mensagem assim: ‘gente, será que dessa vez nós vamos morrer?’”. Essa fala, de Anna Laura, revela que os impactos da pandemia de COVID-19 agudizaram o sofrimento que esses jovens estavam experimentando desde o início do desastre, em 2015. A literatura vem reforçando que, durante o período pandêmico, o distanciamento e o isolamento social impactaram os processos de socialização, de escolarização e as sociabilidades dos jovens (Severo, 2023). O distanciamento social causou profunda angústia em Teresa: “quase desenvolvi fobia social, porque é muito tempo sem ver pessoas, sabe?”.

Estudos já evidenciam que a pandemia de COVID-19 trouxe prejuízos sociais, escolares e psicológicos, materializados por um processo de desorganização emocional (Severo, 2023). Entre os jovens entrevistados, o período agravou ainda mais sua condição mental, com quadros de insegurança, estranhamento diante dos outros, baixa autoestima e desvinculação com os estudos. Eles se afastaram dos amigos e colegas das escolas, cujos vínculos já estavam enfraquecidos. Deixaram de conversar, mas alguns interagiam em jogos, como no caso de Hulk, ou acompanhando os perfis dos demais em redes sociais digitais, conforme aconteceu com Anna Laura, que passou a ter problemas de autoestima ao se comparar com as colegas e os padrões de beleza expostos. Para Rafaela, a permanência no novo espaço doméstico, durante o distanciamento social, resultou em acentuação do sofrimento emocional: “voltei de novo a ter depressão e não encontrava nada dentro de casa que me fazia bem”.

Com o maior controle da pandemia de COVID-19 e o afrouxamento das medidas sanitárias restritivas, esses jovens enfrentaram outros desafios. Ao voltar a ter contatos

presenciais, Teresa se assustou: “eu já estava acostumada a conversar com as pessoas pelo celular, sabe? Se você, sei lá, está pensando em falar alguma coisa, mas resolve que não quer, você só apaga a mensagem e manda outra melhor, mas pessoalmente não tem isso de você excluir a sua fala!”.

O sofrimento de populações atingidas pelo rompimento de barragens e outros desastres tem sido foco de interesse da Sociologia, ainda que contemplem menos frequentemente as juventudes (Barbosa; Giongo; Mendes, 2018; Santos, 2018). Nesta pesquisa, relatos de adoecimento físico e mental foram recorrentes nas respostas dos 12 jovens. Além dos desafios comuns da juventude, lidaram com lutos, estresse, traumas, depressão e ansiedade. Alguns tiveram insônia, medo de ficar sozinhos, perda de peso, paranoia, entre outros sintomas. Isla contou que precisou superar um “trauma de barragem”; por ter deixado de morar com a avó materna, Rafaela teve depressão; Jade teve “pensamentos negativos” e “início de depressão”; e Álex se sentia paranoica e ansiosa: “se tudo tivesse vazio, eu entrava em pânico, eu achava que tinha acontecido alguma coisa”. A destruição do território, a reterritorialização compulsória, a insegurança quanto à reparação e o constante processo de revitimização agudizaram a condição de vulnerabilidade desses jovens.

“Nossa, mãe, que falta de Deus”: esse foi o comentário de Anna Laura ao ouvir, pouco depois do desastre, um grupo de mulheres na sede de Mariana-MG dizer que outra barragem deveria se romper e matar a população atingida por Fundão. Todos os jovens entrevistados revelaram que eles e/ou seus familiares passaram a enfrentar situações persistentes de hostilidade, assim como boa parte da população adulta (Santos, 2018; Oliveira, 2021). Sofreram preconceitos, foram estigmatizados e sentiam medo de novas violências. Ainda na infância, logo após o desastre e diante de tanta hostilidade, Anne questionava: “a gente queria entender o motivo de ser tratado daquele jeito sendo que, no momento, o que a gente precisava era de acolhimento, porque perder tudo é uma coisa, né?”.

Isso intensificou suas estratégias de autopreservação e representou o enfrentamento de mais um aspecto da crise iniciada com o rompimento da Barragem de Fundão. Eles precisaram do apoio das famílias, comunidades escolares, de psiquiatras e psicólogos. Muitos não contavam que eram pessoas atingidas, como Jade, Paulinho, Anne, Isla, Álex e Maria Júlia, um dado inesperado e que corrobora nossa defesa de que necessitam ser incorporados às lutas por reparação e ressignificar suas relações com os territórios de origem. Mesmo Anne, que fez boas amizades ao longo do Ensino Médio, nunca revelou para as amigas que era uma jovem atingida de Bento Rodrigues. “Eu não falo pras pessoas que eu vim de Paracatu, que eu sou atingida,

porque sou uma pessoa que tem medo de ser recebida com agressividade em qualquer situação”: explicou Álex.

Além dos desafios da chegada à juventude, os jovens atingidos lidavam com as consequências traumáticas da destruição total ou parcial de suas comunidades, com a fratura de laços sociais, as expectativas quanto à reparação (que envolveria, para alguns, a mudança para os reassentamentos coletivos), o sofrimento e o enfrentamento do preconceito. A pesquisa empírica revelou que, a partir de seus contextos de vida, de suas subjetividades e condições materiais de existência, eles estavam refletindo sobre suas formas de ser e estar no mundo.

Considerações finais

De Mariana-MG até a foz do Rio Doce, o desastre iniciado com o rompimento da Barragem de Fundão, operada pela Samarco Mineração e por suas controladoras, Vale e BHP, resultou em destruição, sofrimento e mortes em uma proporção incalculável. Ainda que os lucros dos acionistas dessas companhias continuem exorbitantes (Carta Capital, 2024) e que, recentemente, a Justiça brasileira tenha inocentado as empresas e pessoas físicas que haviam sido processadas (A Sirene, nov. 2024), milhões de vidas humanas e não humanas continuam sendo afetadas pelas consequências do desastre e os ecossistemas permanecem contaminados.

Na pesquisa que originou este artigo, buscamos compreender como foram afetados os processos de socialização de jovens atingidos dos subdistritos de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Camargos que, em 2022 e 2023, estavam matriculados no Ensino Médio em Mariana-MG e Ouro Preto-MG. O conhecimento produzido acompanhou os resultados de outros trabalhos relacionados às juventudes e às populações atingidas por desastres e evidenciou informações inéditas.

Constatamos que, para vários desses jovens, os fortes laços de amizade que mantinham nas comunidades de origem foram fragilizados. Ainda que sentissem saudades dos subdistritos, houve relatos de brigas, mágoas e afastamentos que tornaram o processo de reterritorialização mais complexo.

A chegada à juventude e o ingresso no Ensino Médio acarretaram outras perdas, mas possibilitaram que esses jovens vivessem novas experiências. Mesmo timidamente, estavam criando novos vínculos sociais e acessavam mais as redes sociais digitais. Passavam por transformações comportamentais e identitárias, mas poucos estavam inseridos em grupos juvenis. Suas famílias, com configurações diversas, continuaram sendo uma base social importante e vários se descreveram como pessoas caseiras. Alguns apresentaram mais

dificuldades nas disciplinas escolares, mas seus desempenhos se mantiveram bons, nenhum abandonou os estudos e eles começaram a projetar seus futuros.

A pandemia de COVID-19 fraturou ainda mais os laços que mantinham com amigos e colegas dos territórios de origem. Nesse período, as interações digitais aumentaram e impactaram suas rotinas. Em maior ou menor proporção, as medidas restritivas trouxeram prejuízos sociais, escolares e psicológicos, em um processo marcado por desorganização emocional, estranhamento diante do outro, baixa autoestima e desvinculação com os estudos.

Todos apresentaram relatos sobre o enfrentamento de situações de preconceito, estigmatização e sofrimento. A destruição do território, a reterritorialização compulsória, as incertezas quanto à reparação e o processo continuado de revitimização agravaram seus quadros de vulnerabilidade. Vários tiveram depressão e sintomas decorrentes dos traumas provocados pelo desastre. A fim de evitarem exposição e novos julgamentos, muitos se isolavam socialmente e não contavam que eram pessoas atingidas.

Certamente, a chegada à juventude trouxe excitação e novidades, mas todos os jovens entrevistados disseram que já haviam experimentado ou estavam experimentando sensações de angústia e desespero. Concluímos que as experiências socializadoras desses jovens ocorriam em um contexto de afetação diante do desastre que marcou suas vidas, sobretudo por seu caráter traumático e compulsório.

Reforçamos que a perda dos vínculos comunitários provocada em situações de desastre pode afetar as configurações sociais nas quais os jovens (mas não somente eles) estão inseridos. Disso resulta uma possível perda da capacidade de identificação com os territórios de origem e desmobilização diante da luta pela garantia dos direitos individuais e coletivos, efeitos negativos e continuados do desastre.

Ainda que o tamanho da amostra não permita generalização dos resultados, os dados construídos podem auxiliar no desenvolvimento de estudos sobre as juventudes atingidas pelo rompimento da Barragem de Fundão ou por outros desastres. A destruição dos territórios, o sofrimento individual e coletivo, e a fragilização dos vínculos comunitários dos jovens pode aniquilar ainda mais essas comunidades. As juventudes necessitam ser incorporadas às lutas pela reparação, em um exercício de ressignificação de suas relações com os territórios de origem.

Agradecimentos

As autoras agradecem à Universidade Federal de Ouro Preto, instituição financiadora da pesquisa.

Contribuição de autoria

Elodia Honse Lebourg: escrita (desenho original), investigação

Rosa Maria da Exaltação Coutrim: escrita (edição e revisão), supervisão

Conflitos de interesse

Não há conflitos de interesse.

Referências

A Sirene. Nota de repúdio: Justiça absolve Samarco pelo rompimento da Barragem de Fundão, ano 9, ed. 101, p. 2, nov. 2024.

BARBOSA, Fernanda Escobar Fernandes; GIONGO, Carmem Regina; MENDES, Jussara Maria Rosa. Construção de hidrelétricas e populações atingidas no Brasil: uma revisão sistemática. *Aletheia, Revista Interdisciplinar de Psicologia e Promoção da Saúde*, v. 51, n. 1-2, p. 165-176, jan./dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. *Questões de Sociologia*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Editora Vozes, 2019, p. 137-147. (Coleção Sociologia)

CÁRITAS. Assessoria Técnica da Cáritas Brasileira – Regional Minas Gerais. Migrações das famílias atingidas de Mariana em decorrência do rompimento. *Mariana Território Atingido: museu virtual*. Mariana: Cáritas Brasileira Regional Minas Gerais, 2022.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de Ensino Médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 395-421, abr./jun. 2017.

<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n2p395>

CARTA CAPITAL. Vale já lucrou R\$ 235 bilhões desde crime em Brumadinho; cinco anos depois, atingidos ainda cobram reparação. Sociedade, 25 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/vale-ja-lucrou-r-235-bilhoes-desde-crime-em-brumadinho-cinco-anos-depois-atingidos-ainda-cobram-reparacao/>. (Acesso em 25 jan. 2024.)

CÉSAR, Paulo Sérgio Mendes; CARNEIRO, Ricardo. O rompimento da barragem em Mariana para as populações historicamente vulneráveis. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 2, n. 1, p. 223-240, jan./mar. 2017.

CORROCHANO, Maria Carla; ABRAMO, Helena Wendel; ABRAMO, Laís Wendel. O trabalho juvenil na agenda pública brasileira: avanços, tensões, limites. *Revista*

Latinoamericana de Estudios del Trabajo, v. 22, n. 36, p. 135-169, dec. 2017. (Dossier Educación y Trabajo)

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; CARVALHO, Rosana Areal de; ALMEIDA, João Paulo Pereira de. Relação escola e família: uma construção sócio-histórica. *Cadernos de História da Educação*, v. 11, n. 2, p. 627-640, jul./dez. 2012.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” a juventude? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1.105-1.128, out. 2007.
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder. São Paulo: Edições Ática, 1997. 367p.

LEBOURG, Elodia Honse. *Atravessando labirintos: processos de socialização de jovens atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana-MG*. 2024. 316f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.

LEBOURG, Elodia Honse; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. “Eu não queria estar aqui”: juventude, Ensino Médio e deslocamento. *Educação & Realidade*, v. 43, n. 2, p. 609-627, abr./jun. 2018.
<https://doi.org/10.1590/2175-623664657>

LEBOURG, Elodia Honse; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação Coutrim; SILVA, Luciano Campos da. Juventude e transição para o Ensino Médio: desafios e projetos de futuro. *Rev. bras. Estud. pedagog.*, v. 102, n. 260, p. 82-98, jan./abr. 2021.
<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4149>

OLIVEIRA, Bárbara de. *Escola e produção de saberes: narrativas de jovens atingidas pelo rompimento da Barragem de Fundão*. 2021. 241f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

PERONDI, Maurício. Juventudes e participação social: processos de socialização na contemporaneidade. *Espaço Pedagógico*, v. 28, n. 1, p. 237-257, jan./abr. 2021.
<https://doi.org/10.5335/rep.v28i1.11500>

REIS, Juliana Batista dos. Experiências juvenis de individuação: socialização familiar e escolar em narrativas biográficas. *Rev. Educ. Questão*, v. 57, n. 53, e17428, set. 2019.
<https://doi.org/10.21680/1981-1802.2019v57n51id17428>

SANTOS, Marcela Alves de Lima. *Eu quero minha liberdade de volta: saúde mental e atenção psicossocial junto aos adolescentes atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão*. 2018. 92f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, 2018.

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. *Estudos Avançados*, v. 33, n. 99, p. 333-351, 2020.
<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.020>

SEVERO, Ricardo Gonçalves. Reflexos do isolamento social no período pandêmico para juventude. *CIVITAS Revista de Ciências Sociais*, v. 23, p. 1-11, jan./dez. 2023. (Dossiê Juventudes Latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia) <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.41725>

SPOSITO, Marília Pontes; TARÁBOLA, Felipe de Souza. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 71, e227146, p. 1-25, 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227146>

VALENCIO, Norma. Vivência de um desastre: uma análise sociológica das dimensões políticas e psicossociais envolvidas no colapso de barragens. In: VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MARCHEZINI, Victor; GONÇALVES, Juliano Costa (Orgs.). *Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: RiMa Editora, 2009, p. 176-196.

VALENCIO, Norma Felicidade. Desafios de resiliência comunitária frente à relações de vizinhança assimétricas. In: CASTRO, Edna Ramos de; CARMO, Eunápio Dutra do (Orgs.). *Dossiê Desastres e crimes da mineração em Barcarena, Mariana e Brumadinho*. Belém: NAEA: UFPA, 2019, p. 243-250.

ZHOURI, Andréa. Desregulação ambiental e desastres da mineração no Brasil: uma perspectiva da Ecologia Política. In: CASTRO, Edna Ramos de; CARMO, Eunápio Dutra do (Orgs.). *Dossiê Desastres e crimes da mineração em Barcarena, Mariana e Brumadinho*. Belém: NAEA: UFPA, 2019, p. 43-52.

WEISS, Eduardo. Los estudiantes como jóvenes: el proceso de subjetivación. *Perfiles Educativos*, v. 34, n. 135, p. 134-148, ene./mar. 2012.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.